

SECCIÓN DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA A ELISIANE RODRIGUES, Coordenadora do Projeto Águas Novas, Palmitos, SC.

Entrevistador: Miguel A. Cristi



“O Projeto Águas Novas, de caráter socioambiental, idealizado a partir de uma problemática ampla da comunidade local, possui um capítulo transversal que trata especificamente de questões ligadas ao feminino e, ao mesmo tempo, capaz de fundamentar todo o trabalho.”

Elisiane Rodrigues (42 anos), Psicóloga, servidora da Cooperativa da Agricultura Familiar – COOPERDÁGUA, Palmitos, SC. Coordenadora do Projeto Águas Novas.

Sra. Elisiane, poderia fazer uma breve apresentação da sua pessoa?

Cresci em uma família em que a figura do masculino era distante. Minha mãe e minha avó, juntamente com minhas irmãs foram a base da minha convivência familiar. Contudo, o modus obedecia a organização patriarcal.

Saí cedo de casa para trabalhar e estudar, já que na época se dizia que a agricultura não poderia garantir um futuro com um mínimo de conforto. Literalmente constituí família, em um primeiro momento, a partir do que aprendi na casa materna. Assim, minhas convicções teóricas constituíram-se concomitantemente aos rompimentos com o modelo de família com o qual cresci. Hoje, sou novamente casada e tenho uma filha, dois filhos e uma enteada.

Minha formação acadêmica deu-se na Unijuí – Universidade Regional de Ijuí/RS, entre 1995 e 2000, período no qual o curso de psicologia não estava vinculado à área da saúde, mas sim das humanas. Não se usava laboratórios de observação de cobaias, mas era-nos exigido escutar as pessoas.

Ao longo da minha carreira sempre permeei trabalhos institucionais com a escuta clínica. O período mais longo de atuação foi no setor público, em que a experiência com os pacientes resultou na construção de dois Centros de Atenção Psicossocial – CAPs I, em Palmitos/SC e Tenente Portela/RS, cidades com menos de 30 mil habitantes.

Algo da institucionalização, burocratização, impedia a efetivação de um trabalho que de fato beneficiasse o sujeito. Dado que, para escutar efetivamente a dor de cada um, o profissional precisa estar livre de regramentos.

A partir dessa premissa, e buscando pares, a ideia de trabalhar com o terceiro setor me pareceu mais consistente, mais próximo daquilo que acredito, de modo que atualmente atuo como psicóloga e coordenadora em uma cooperativa de agricultores e agricultoras familiares.

Poderia, por favor, fazer uma descrição e os objetivos da instituição para a qual trabalha, bem como uma descrição das suas próprias funções nesta instituição?

A Cooperativa de Agricultura Familiar - Cooperdágua, foi concebida a sombra de uma bergamoteira no dia 3 de janeiro de 2006 quando um grupo de 27 agricultoras e agricultores familiares, autodenominados “Amigos do Rio Barra Grande”, reunidos pelo Projeto Microbacias 2 do governo do Estado de Santa Catarina, sonhava alternativas para o problema da escassez de água durante os constantes períodos de estiagem que atingiam a região.

Após inúmeras reuniões que de certa forma gestaram e deram forma à ideia original, nasceu em 1º de março de 2007, a Cooperativa de Fornecimento de Água Potável de Palmitos. A Cooperdágua foi inovadora e o seu pioneirismo é referência, sendo reconhecida como a primeira cooperativa de captação e tratamento de água da mesorregião oeste de Santa Catarina.

Atualmente, a Cooperdágua atende diretamente 280 famílias associadas, além de fornecer água potável para 6 centros comunitários, 7 igrejas, posto de saúde e um núcleo educacional municipal.

A Cooperdágua, em seus primórdios, foi idealizada, estruturada e gerida por pequenos agricultores familiares, imbuídos de um forte espírito empreendedor. Na verdade, a Cooperdágua surgiu a partir de uma teimosia parida da necessidade urgente de contornar um situacional hostil, pois na época, encontrar uma alternativa significava simplesmente não abandonar as propriedades, uma vez que em muitas delas não havia água suficiente nem mesmo para o consumo humano.

Sendo assim, o principal objetivo da instituição é o fornecimento de água potável às famílias agricultoras como mote para a resistência e permanência no meio rural.

O meu trabalho, neste contexto, é de escuta, em que dirigentes e associados trazem suas questões, momento em que objetivo não eliminar os conflitos mas, contudo, encontrar ressignificações que garantam laços entre humanos. Atendo individualmente e se necessário escuto-os juntos, nas suas individualidades. Esse movimento, só é possível em um laço transferencial com os envolvidos.

Prévio à entrevista, você mencionou que no contexto deste projeto há algumas problemáticas associadas a gênero e violência de gênero. Pode explicar tais problemáticas?

Como a supressão feminina está na cultura na forma de sintoma social, já que sua organização se estrutura a partir das relações de poder, fica difícil a própria mulher perceber do que ela sofre. Simplesmente tem dor e se queixa. Essa, diria, é a principal problemática das famílias com que trabalho e ao mesmo tempo a fundamentação do meu trabalho: identificar, especificamente, de que dor cada uma fala, pois é esse o nó que sustenta a sintomatologia e que precisa ser desmanchado.

Não se trata apenas de falar, já que na maioria das vezes há uma colagem das queixas da mulher, dado que, reafirmando, trata-se de um sintoma social. Há de se ter uma escuta que suspenda as constituições do feminino do próprio profissional, caso contrário apenas haverá colagem e novamente silêncio.



Elisiane Rodrigues em trabalho de campo junto com mulheres do Projeto Águas

Em relação à pergunta anterior, de que maneira a Instituição, e especialmente você, enfrentam estas problemáticas pensando em possíveis soluções?

O Projeto Águas Novas, de caráter socioambiental, idealizado a partir de uma problemática ampla da comunidade local, possui um capítulo transversal que trata especificamente de questões ligadas ao feminino e, ao mesmo tempo, capaz de fundamentar todo o trabalho. Já que entendemos ser o cuidado do feminino, no seu sentido literal, a solução para diferentes problemáticas na agricultura familiar, uma vez que a mulher, apesar do sofrimento, tem essa capacidade de nata de zelar.

Pensando ainda na pergunta anterior: que ações são as que melhores resultados obtém e por que?

Posso destacar como mais eficientes as reuniões informais, em que, espontaneamente, elas falam do seu dia-a-dia. Cabe, à escuta do profissional, transformar essa espontaneidade, carregada de restrições subjetivas e dor, em escuta individual. Ou seja, é o profissional que se empresta para que a sua interpretação viabilize a tradução dos seus sofrimentos, passando paulatinamente a compreender as origens dessa dor, fazendo com que entenda que muitas das vezes até mesmo o olhar do masculino lhe é agressivo. É a partir desse “comungar” que a procura acontece de uma forma individual e o atendimento clínico passa a acontecer.

Que mensagem você daria às mulheres oprimidas e as pessoas que trabalham para solucionar esta problemática social?

Para as mulheres, não apenas as oprimidas, tenho a dizer que, considerando a enormidade de questões que ainda precisam ser superadas, que todas devam buscar ser respeitadas; nos é caro ser mulher, e em qualquer situação, e que as nossas diferenças não sejam tomadas como pejorativas, pois são nossas características. Ainda, que tenhamos o cuidado de não nos “masculinizar” para encontrar espaços, armadilha que muitas vezes nos leva a reproduzir o discurso machista. A grande questão é que se faz necessário que a própria mulher encontre o lugar onde o feminino faz morada, o lugar de pertença, que se situa para além do conceito de empoderamento.

Já aos profissionais, de diferentes áreas do conhecimento, diria que o ponto nodal da violência contra a mulher é o silêncio e a não tradução de suas dores. Penso que a sensibilidade para com as questões ligadas ao feminino deva ser norte, pano de fundo para qualquer atuação. Não é momento para buscar culpados, mas sim de encontrar suporte de escuta no sentido de uma resignificação do modelo atual de conceitos. Adicionalmente, é-nos claro que a estrutura política e econômica se funda em princípios perversos, contaminando toda uma rede do tecido social e que possíveis soluções para os problemas do contemporâneo encontrariam caminho no momento em que se evidenciasse o feminino enquanto estrutura para as relações humanas. Portanto, desvelar esse feminino e zelar por suas características mais sensíveis significa ter em mãos a chave para um mundo melhor.